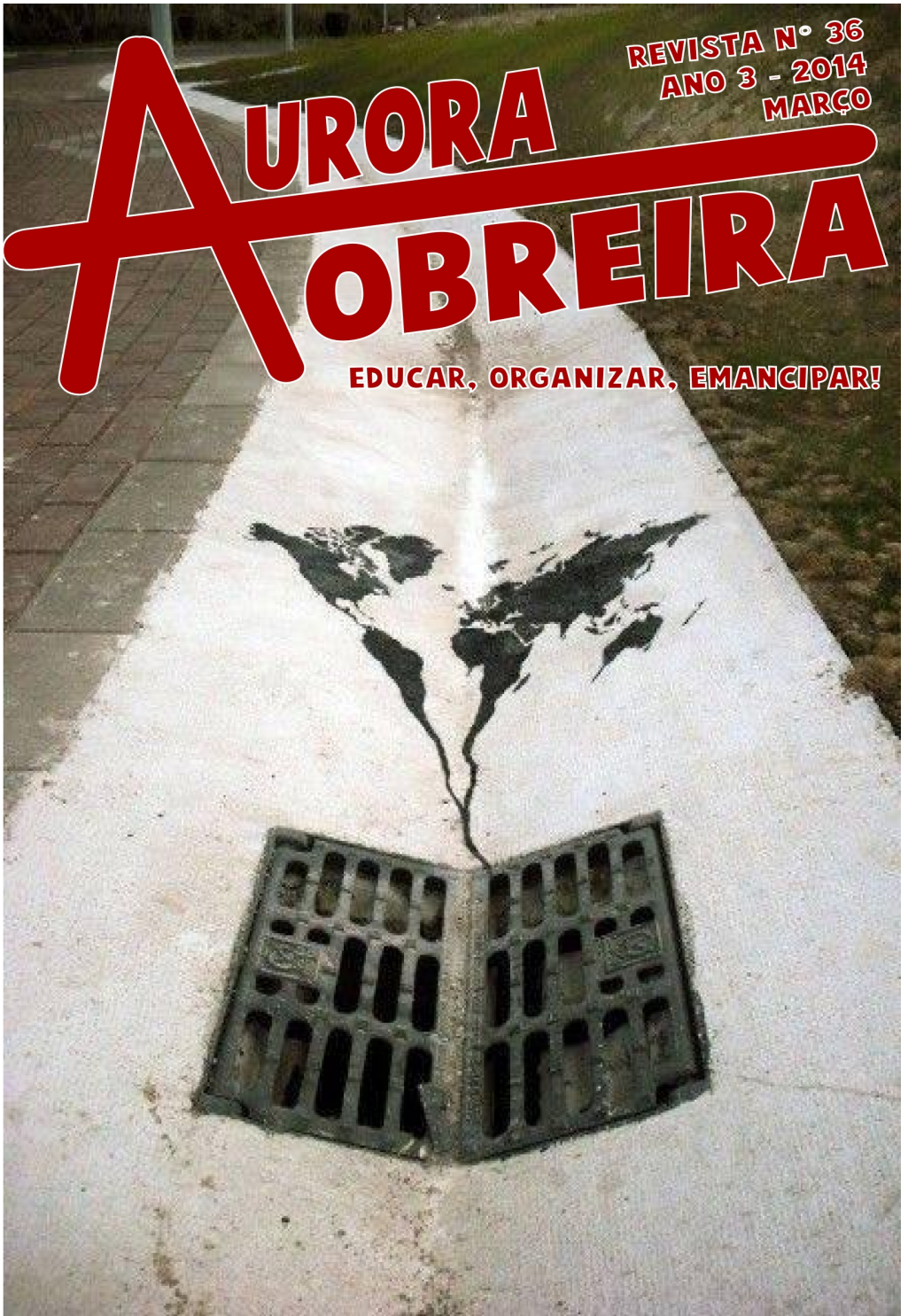


REVISTA N° 36
ANO 3 - 2014
MARÇO

AURORA T O B R E I R A

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!





EDITORIAL

A luta se mantém mais atual do que nunca e em todas as esferas das relações humanas e ambientais.

Não adianta nos iludirmos em mundo de aparências se a realidade nos mostra que muita coisa precisa ser mudada e de forma radical, direta.

Não podemos mais esperar por promessas vazias e ações paliativas, já mais que passou da hora de nos levantarmos e derrubar aqueles que se esforçam em nos escravizar através de ameaças e violências brutais.

As manifestações são legítimas e estaremos sempre nas ruas, nas organizações diretas contra o Estado omissivo e seus partidos patifes que nos roubam e assassinam com suas falácias.

Sem partidos, sem Estado, sem patrões, lutamos!



AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



AURORA OBREIRA

Número 36 - Março 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária

Colaboração: Fenikso Nigra. Ovelha

Negra. Boletim Operário. Artista

Anarquista. Danças das Idéias

Esta revista foi feita em soft livre: Scribus.

Libreoffice. Inkscape. Gimp. OS Mint 15

Contatos:

Barricada Libertária: lobo@riseup.net.

barriliber@anarkio.net.

barriliber@riseup.net

Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net

ou fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj

-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:

Copyleft: Liberacana Barikado - 2014;

-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;

-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo;

Por reprodukti, disvatiĝi, vi uzu egalan permeson;

-Vi vidu kompletan permeson:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>

CONTRA O

TOTALITARISMO, PATRIARCADO, CAPITALISMO, MACHISMO,

anarkio.net



A LUTA É TODO DIA!



LSOC



fenikso@riseup.net

A Relevância do anarco-sindicalismo

Noam Chomsky, entrevistado por Peter Jay

A entrevista de Jay, 25 de julho de 1976
(Continuação)

PERGUNTA : Se você acha que não vai continuar a ser a auto-defesa uma necessidade em um nível muito sofisticado, não vejo em sua descrição de como você iria conseguir o controle efetivo do sistema de conselhos representativos em vários níveis de baixo para cima, sobre uma organização tão poderosa e tão tecnicamente sofisticada como, por exemplo, o Pentágono.

CHOMSKY: Bem , em primeiro lugar , devemos ser um pouco mais claro sobre a terminologia. Você se refere ao Pentágono, como geralmente é feito, como uma organização de defesa. Em 1947, quando a Lei de Defesa Nacional foi aprovada, o antigo Departamento de Guerra - o departamento americano preocupado com a guerra, que até aquele momento era honestamente chamado o departamento de guerra - teve seu nome alterado para o Departamento de Defesa. Eu era um estudante, nesse tempo, e não acredito que era muito sofisticado, mas sabia e todo mundo sabia que isso significava que por qualquer motivo, as forças armadas estadunidenses tinham sido envolvidas em defesa no passado – isso acabava ali. Desde que foi chamado de Departamento de Defesa, significou que ia ser um departamento de agressão, nada mais.

PERGUNTA : No princípio de nunca acreditar em nada até que seja negado oficialmente.

CHOMSKY : Certo. Assim como na suposição que Orwell tinha capturado essencialmente a natureza do Estado moderno. E isso é exatamente o caso. Quero dizer, o Pentágono não é em nenhum sentido um departamento de defesa. Ele nunca defendeu os Estados Unidos em momento algum. Só tem servido para conduzir a agressão. E acredito que o povo estadunidense seria muito melhor

sem um Pentágono. O povo certamente não precisa dele para a sua defesa. A sua intervenção nos assuntos internacionais nunca foi - bem, você sabe, nunca é uma palavra forte , mas eu acho que seria difícil encontrar um caso - certamente não foi a sua característica base para apoiar a liberdade, ao ser livre ou a defender as pessoas e assim por diante . Esse não é o papel da organização militar maciça, que é controlada pelo Departamento de Defesa. Pelo contrário, as suas funções são duas, ambas bastante anti-sociais.

A primeira é de preservar um sistema internacional em que o que são chamados de interesses estadunidenses - o que significa principalmente os interesses das empresas , podem florescer. E , em segundo lugar , tem uma tarefa econômica interna. Quero dizer, o Pentágono tem sido o mecanismo keynesiano primário pelo qual o governo intervém para manter o que é ridiculamente chamado a saúde da economia, induzindo a produção, isso significa que a produção de superfluos e armamentos.

Agora, ambas as funções servem a certos interesses, os interesses dominantes de fato, interesses da classe dominante na sociedade estadunidense. Mas eu não acho, em qualquer sentido, que sirvam ao interesse público, e eu entendo que esse sistema de produção de superfluos e de armamentos seria essencialmente desmantelado em uma sociedade libertária. Agora , não se deve ser demasiado simplista sobre isso. Se se pode imaginar, digamos, uma revolução social nos Estados Unidos - que é um pouco distante, eu diria, mas se isso acontecer, é difícil de imaginar que haveria qualquer inimigo credível do lado de fora que poderia ameaçar a revolução social - não seria atacado pelo México ou Cuba , digamos . Uma revolução estadunidenses não exigiria, eu acredito, em defesa contra uma agressão. Por outro lado, se uma revolução social libertária esteja para acontecer, por exemplo, na Europa ocidental, então eu acho que o problema da defesa seria muito crítica.

PERGUNTA : Eu posso dizer que certamente não pode ser inerente à idéia anarquista que não deva haver auto-defesa, porque nas experiências anarquistas como ocorreram, que me recordo, na verdade, foram destruídas de fora.

CHOMSKY : Ah, mas eu acho que para essas questões não se pode dar uma resposta geral. Eles têm que ser respondidas especificamente , em relação às condições históricas e objetivas específicas.

PERGUNTA : É que eu encontrei um pouco de dificuldade em seguir sua descrição do controle democrático adequado neste tipo de organização, porque acho que é difícil ver gerais que controlam a si mesmos da maneira que você aprovaria.

CHOMSKY: É por isso que eu quero salientar a complexidade da questão. Depende do país e da sociedade que você está falando. Nos Estados Unidos, uma espécie de problema surge. Se houvesse uma revolução social libertária na Europa, onde então eu acredito que os problemas que levantam seriam mais graves, porque não seria um problema sério de defesa. Ou seja, eu diria que, se o socialismo libertário alcançar em algum nível da Europa Ocidental, não seria uma ameaça militar direta tanto à União Soviética e aos Estados Unidos. E o problema seria como que deve ser combatida. Esse é o problema que foi confrontado com a revolução espanhola. Houve intervenção militar direta por fascistas , por comunistas e por democracias liberais no fundo, e a questão como se pode defender-se contra um ataque neste nível é muito importante.

No entanto, eu acho que temos que levantar a questão de saber se, exércitos permanentes centralizados, com impedimentos de alta tecnologia, são a forma mais eficaz de fazer isso. E isso é de nenhuma maneira óbvia. Por exemplo, eu não acho que um exército centralizado da Europa Ocidental deteria um ataque russo ou estadunidense para evitar que o socialismo libertário - um tipo de ataque que eu francamente espero em algum jeito: talvez não militar, pelo menos econômico.

PERGUNTA : Mas, nem pelo outro lado, haveria um monte de camponeses com forcados e pás ...

CHOMSKY: Não estamos falando de camponeses. Estamos

falando de uma sociedade industrial altamente sofisticada, altamente urbana. E parece-me, que o seu melhor método de defesa seria o seu apelo político para a classe trabalhadora nos países que faziam parte do ataque. Mas, novamente , eu não quero ser simplista. Ele pode precisar de tanques, ele pode precisar de exércitos. E se isso acontecesse , eu acho que com certeza que isso contribuiria para um possível fracasso ou, pelo menos, declínio da força revolucionária - exatamente pelas razões que você mencionou. Ou seja, eu acho que é extremamente difícil imaginar como um exército centralizado eficaz, com implantação de tanques, aviões , armas estratégicas, e assim por diante, poderia funcionar de forma revolucionária. Se isso é o que é necessário para preservar as estruturas revolucionárias, então eu acho que elas não podem muito bem ser preservadas.

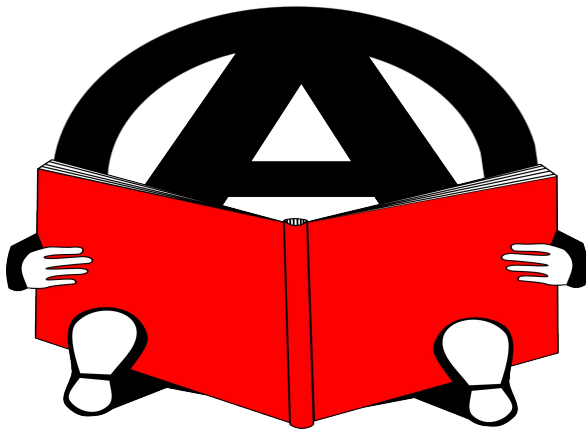
PERGUNTA : Se a defesa básica é o apelo político , ou o apelo da organização política e econômica, talvez possamos olhar em detalhe um pouco mais nisso. Você escreveu, em um de seus ensaios, que "em uma sociedade decente, todos teriam a oportunidade de encontrar um trabalho interessante e cada pessoa seria permitido o máximo alcance possível para seus talentos." E então, você passou a perguntar: "Que mais seria necessário, em particular, a recompensa extrínseca na forma de riqueza e poder se só assumirmos que aplicar seus talentos em um trabalho interessante e socialmente útil não é gratificante em si mesmo?" Eu acho que essa linha de raciocínio é, certamente, uma das coisas que agrada a muita gente. Mas ainda precisa ser explicado, eu acho, porque o tipo de trabalho que as pessoas iriam achar interessante, atraente e que cumpram a fazer teria que coincidir ou chegar perto com o tipo de trabalho que realmente precisa ser feito, se quisermos sustentar qualquer coisa como o padrão de vida que as pessoas exigem e estão acostumados.

CHOMSKY: Bem, há uma certa quantidade de trabalho que apenas tem de ser feito se quisermos manter esse nível de vida. É

uma questão em aberto como oneroso que o trabalho tem que ser. Vamos lembrar que a ciência e a tecnologia e inteligência não têm se dedicado a examinar essa questão ou em superar o caráter oneroso e autodestrutivo do trabalho necessário para sociedade. A razão é que ele sempre foi assumido que existe um corpo substancial de escravos assalariados que irão fazê-lo simplesmente porque senão eles vão morrer de fome. No entanto, se a inteligência humana é voltada para a questão de como fazer o trabalho necessário da própria sociedade significativa, não sabemos qual é a resposta será. Meu palpite é que uma boa quantidade do que pode ser feito é inteiramente tolerável. É um erro pensar que, mesmo trabalho físico extenuante é necessariamente oneroso. Muitas pessoas, inclusive eu, tenho efetuado para o relaxamento. Bem, recentemente, por exemplo, tenho feito isso para plantar trinta e quatro árvores em um prado atrás da casa, na Comissão de Conservação do Estado, o que significa que eu tive que cavar trinta e quatro buracos na areia. Você sabe, para mim, e o que eu faço com meu tempo, principalmente, que é um trabalho muito difícil, mas eu tenho que admitir que gostei. Eu não teria gostado se tivesse normas de trabalho, se eu tivesse um supervisor, e se eu tivesse sido condenado a fazê-lo em um determinado momento, e assim por diante. Por outro lado, se é uma tarefa optativa e apenas por interesse, tudo bem, isso pode ser feito. E isso sem qualquer tecnologia, sem qualquer pensamento dado a forma de conceber o trabalho, e assim por diante.

Continua no próximo número.





Tiro no pé não mata

18 de novembro de 2013 às 23:28

Suponhamos que uma pessoa dê um tiro em seu próprio pé. A ferida não é fatal, mas ela tem que ir para o hospital. No caminho, um cara bate deliberadamente no carro que a transportava para lá e ela morre. Suicídio?

É verdade que ela só estava naquele carro, naquela hora, naquele lugar, porque deu um tiro no pé. Sim, ela participou da cadeia de eventos que culminou em sua morte. Mas não foi o tiro que, de fato, a matou. Fosse só pelo tiro, ela teria chegado ao hospital, sido atendida e saído da história viva. O que foi determinante para que ela morresse foi a atitude do cara que bateu no carro em que ela estava.

Claro que é válido questionar por que motivos uma pessoa atira no próprio pé, ou possui uma arma, etc; são questões que devem ser entendidas e saneadas. Mas, se a sociedade quiser evitar que mais casos como esse ocorram, ela deve se focar em coibir comportamentos como os desse indivíduo, que são o que de fato os causam. Afinal, não tendo acesso à vítima em questão, o cidadão simplesmente encontraria outra.

Dito assim, parece óbvio. Mas vejamos outras situações que eu considero similares, mas que costumam ser tratadas de uma forma muito diferente:

- Uma mulher é criada e educada num ambiente machista e misógino. Cresce com baixíssima autoestima e, por milhares de

mecanismos psicológicos, desenvolve uma forte tendência a buscar compulsivamente a atenção e aprovação dos homens ao seu redor (tiro no pé). Eventualmente, acaba sobrando sozinha com um “amigo” que a estupra, se aproveitando do fato de que ela não consegue dizer “não” expressamente, apesar de sua recusa ser clara e seu desagrado ser evidente (cara que bate no carro).

- Uma mulher é criada e educada num ambiente machista e misógino. Cresce com baixíssima autoestima e, por milhares de mecanismos psicológicos, desenvolve uma forte tendência a buscar compulsivamente parceiros dominadores, agressivos, violentos (tiro no pé). Entra num relacionamento com um homem particularmente abusivo que a espanca (cara que bate no carro).

- Uma mulher é criada e educada num ambiente machista e misógino. Cresce com baixíssima autoestima e, por milhares de mecanismos psicológicos, desenvolve uma forte tendência a comportar-se de forma autodestrutiva, como embriagar-se até desmaiar em festas e baladas (tiro no pé). Eventualmente, é estuprada por um homem que se aproveita de seu estado de embriaguez (cara que bate no carro).

- Uma mulher é criada e educada num ambiente machista e misógino. Cresce com baixíssima autoestima e, por milhares de mecanismos psicológicos, desenvolve uma forte tendência a não questionar as autoridades com que se depara, especialmente se forem homens. Um dia, engravida e coloca-se nas mãos de um mau médico obstetra, não buscando informações que a protegeriam (tiro no pé). O tal médico a força (juntamente com seu bebê) a passar por uma cesariana desnecessária e indesejada, ou por um parto violento e traumático, cheio de intervenções desnecessárias (cara que bate no carro).

O que todas essas situações têm em comum? Bom, primeiro, são casos de violência de gênero. Sim, podem ocorrer com homens também. Só que a quantidade de homens que passa por esse nível de abuso e violência em situações semelhantes é ínfima em comparação.

Em segundo lugar, todas as vítimas retratadas são antes vítimas do machismo e misoginia do ambiente em que cresceram e vivem. Todas elas, em resposta a esse ambiente, desenvolveram

comportamentos “tiro no pé” que as colocaram, digamos assim, em carros propícios a sofrerem batidas.

Em terceiro lugar, e o mais relevante para o que se pretende aqui ilustrar, são todos casos em que a vítima tem alguma participação na cadeia de eventos que culmina com a violência que é praticada contra ela. Mas, a exemplo do caso do tiro no pé, a participação delas NÃO É DETERMINANTE para o que lhes ocorre ao final.

Não haveria estupro se não houvesse o estuprador. Não haveria violência doméstica se não houvesse o agressor. Não haveria violência obstétrica se não houvesse o mau profissional do ramo. Como já foi dito, se o cara não consegue vitimar uma, ele simplesmente vai e encontra outra.

No caso de um assalto não se diria que a culpa é da pessoa que foi assaltada, apesar de ela, como ocorre nos exemplos dados, ter participado da cadeia de eventos que levou a que ele ocorresse (estando no local onde ele ocorreu, dando mostras de que tinha o que ser roubado, não sendo suficientemente vigilante, por exemplo). Mas muito se ouve que a mulher não pode se fazer de vítima, que mereceu, que “estava pedindo”. Outros ainda dizem que a mulher “tem que tomar o controle da situação”, parar de “esperar que alguém a salve”. Como se ela fosse ter poder de, já estando dentro de uma situação de agressão, repeli-la só com a força de sua vontade.

Ela pode ter dado um tiro no pé, mas não se violentou. O controle que ela poderia ter da situação acaba quando ela entra na casa do amigo mal-intencionado, quando ela toma a primeira pancada, quando ela perde a consciência depois de beber demais, quando ela dá entrada no hospital para parir. O que acontece a partir daí não está sob o controle dela e sugerir que estivesse é onerá-la com uma responsabilidade que cabe a outro indivíduo – ao indivíduo que, no controle real daquela situação, OPTOU por agir com brutalidade.

É válido questionar – e entender – o que levou a vítima à situação em que ocorreu a violência que ela sofreu. Por parte da própria vítima, para que consiga escapar de novamente encontrar-se ali, e por parte da sociedade, para que compreendamos a importância de desconstruir o machismo e a misoginia que geram os padrões de comportamento que colocam mulheres nessas situações.

Mas, para diminuir a incidência desse tipo de violência, não adianta diminuir a disponibilidade de presas. Tem-se que focar nos predadores.

Uma coisa é reconhecer que há uma bagagem emocional que cria uma vulnerabilidade em relação a esse tipo de agressão. Outra coisa, muito diferente, é essa mesma bagagem emocional ser utilizada para justificar os atos dos agressores e para colocar culpa nas vítimas, perante a sociedade e a si mesmas, uma manipulação que transforma em principal e determinante o que, na verdade é só concorrente e facilitador para o resultado final.

Olhando-se no espelho, a mulher sente vergonha pela violência que ela SOFREU. É forçada ao silêncio e à negação, um processo muitas vezes ainda mais doloroso do aquilo por que ela já passou. Chega a inventar desculpas para seu agressor, defendê-lo (“eu não me fiz entender”, “eu que fiquei com ele” ou “eu que provoquei”, “eu não lembro de nada, talvez eu tenha consentido”, “ele estava só fazendo o trabalho dele, quem sou eu para julgar, não estudei medicina”), ou ouvir essas mesmas desculpas e defesas (não raro acompanhadas de acusações e ameaças) das pessoas que deveriam dar-lhe apoio, talvez até mesmo sua família, quando tenta romper esse silêncio.

Por que tanta falta de apoio à vítima, tanto apoio ao agressor?

Porque não se quer culpar a quem de direito. Ou porque sequer se vê o ato dele como algo culpável, porque se entende que estupro só é estupro se a mulher é "de bem" e está sóbria, gritando e chutando; violência doméstica só é violência doméstica se nunca houve um grito, um palavrão, uma única atitude abusiva por parte do parceiro (ou pior! Se a mulher estava de boca fechada, a casa limpa, a roupa lavada, a comida na mesa e a testa do agressor livre de quaisquer cornos, imaginários ou não); violência obstétrica é invenção de gente desocupada que quer se meter no trabalho dos outros. Porque se costuma pensar que todos esses agressores estavam só fazendo que lhes era “natural” diante das circunstâncias.

Porque se parte do princípio bizarro de que podridão humana e natureza humana são a mesma coisa.

Leticia P.

Votamos nulo

Por Política

De outro jeito!

digite qualquer
numero sem cadastro
e confirma!!



Organização Autônoma

Sem Partidos, sem Patrões,

Sem Estado!



Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero

Nota

Este texto inicialmente era um tutorial sobre como falar de forma neutra em voz alta, porque muitas pessoas não-binárias muitas vezes precisam de ajuda sobre como ensinar as outras pessoas a lhes tratarem corretamente, mas as recomendações para escrever sem o X são as mesmas que para falar sem o X, e há mais motivos para abandonar o X do que a nossa necessidade de de que nos tratem corretamente. O texto portanto tem um teor mais pessoal, que trata de como nos referimos a pessoas num âmbito cotidiano, mas no final do texto recomendamos um material muito bom que dá soluções extensivas para várias áreas formais e informais do discurso, com muitos exemplos práticos.

Usarei a expressão “marcação de gênero” ou ainda somente “marcação” para me referir de forma geral a todas as construções da linguagem que marcam um gênero específico para se referir a uma pessoa. Exemplos são as letras A e E em “ela”, “ele”, “dele”, “dela”, “seu”, “sua”, “minha”, “meu” e as letras A e O em “querido”, “amigo”, palavras construídas especificamente ao gênero, como “irmã”, “mãe”, e qualquer outra forma de se referir a alguém que marque o gênero da pessoa.

Usarei a expressão “marcação de gênero normativa” para falar das pessoas que utilizam marcações de gênero em acordo com aquelas designadas a elas no nascimento (pessoas designadas meninas devem ser tratadas no feminino, pessoas designadas meninos devem ser tratadas no masculino, nenhuma pessoa deve ser tratada de forma neutra) e “marcação de gênero não-normativa” para falar das pessoas que utilizam qualquer outra forma, incluindo portanto mulheres trans*, homens trans*, e pessoas não-binárias que utilizam marcações de gênero não-

normativas.

Quando aqui falo do “X”, estou falando de construções como “todxs”, “meninxs”, “queridx”, “bonitx”. Embora eu vá me focar no X, porque é o mais utilizado, o mesmo vale para outras utilizações como @, *, entre outras.

Por fim, perceba que este texto está inteiro redigido de forma neutra sem o uso de X.

Nossas peculiaridades enquanto pessoas não-binárias

Pessoas trans* frequentemente possuem preferências por marcações de gênero na linguagem que estão desalinhadas com aquela designada a elas no nascimento. Isto é, majoritariamente, mulheres trans* preferirão serem tratadas no feminino, homens trans* no masculino e muitas pessoas não-binárias de forma neutra, ou no masculino ou feminino de forma alinhada ou não à designada a elas no nascimento.

Isto sempre é problemático enquanto (1) a pessoa não possui passabilidade cis (2) a pessoa não possui reconhecimento das burocracias, principalmente nos seus documentos, do seu gênero (3) a pessoa convive com pessoas que não aceitam seu gênero. Todas as pessoas trans* que utilizam marcações de gênero não-normativas lidarão com problemas em serem tratadas corretamente, mas neste texto iremos nos voltar para as pessoas trans* não-binárias, já que falaremos sobre não-binariedade, formas neutras de tratamento, etc.

Nos três problemas enumerados acima, podemos notar que as pessoas trans* não-binárias possuem peculiaridades ao lidar com todos eles.

Em (1), não existe uma passabilidade para nós. Nunca passaremos como pessoas não-binárias porque ninguém jamais presumirá, ao olhar para como nos vestimos, falamos, nossos corpos, vozes, que somos “nenhum dos dois”. Sempre será presumido que uma pessoa é homem ou mulher. Desta forma, é virtualmente impossível que alguém “acerte” nossas marcações, exceto nas raras vezes que o fizerem não porque percebem sermos pessoas não-binárias, mas porque não conseguem decidir se nos encaixam como homens ou como mulheres. Dessa forma, estaremos sempre à margem das soluções que indicam às pessoas que simplesmente “chutem” de acordo com como a pessoa se apresenta.

Em (2), não existe nenhum país no mundo onde pessoas não-binárias possam efetivamente, de forma regulamentada, serem reconhecidas em seus documentos. É muito mais complicado que uma pessoa não-binária consiga ser reconhecida nas burocracias do Estado, das instituições, de universidades, empregos, etc como completamente fora das opções do que como uma delas, ainda que essa posição seja contestada. Frequentemente o nosso caso é não o de quem é expulso de uma categoria, mas o de quem não possui uma categoria.

Em (3), nossos gêneros costumam ser muito mais difíceis de explicar às pessoas, de forma que “não ser”, “ser nenhum dos dois”, ou ser qualquer um deles de forma não-normativa (bigênera, multigênera, pangênera, etc) será algo sempre encarado como uma invenção nossa, uma tolice, etc, porque nossas experiências são apagadas, e estamos sempre na margem. É certamente mais complicado explicar a alguém que você não é nem homem, nem mulher do que explicar que você é homem ou mulher, apesar de não assim terem te designado no nascimento.

Por todos esses motivos, é importante perceber que construções neutras de gênero são importantes para tornar o mundo mais vivível às pessoas trans* não-binárias, e que ocupamos um local importante nesta discussão sobre neutralidade e sobre o uso da linguagem demarcada. Em nossos cotidianos, as marcações de gênero e as tentativas de torná-las neutras ou melhores frequentemente nos esquecem, como nos famosos “todas e todos”, “homens e mulheres”, “senhoras e senhores”, “masculino e feminino”, “todos/as”, “srs(as)” etc.

Quem se importa com as pessoas não-binárias?

A minha experiência pessoal com a necessidade de pronomes neutros para mim, como a de muitas outras pessoas trans* não-binárias, é uma experiência de frustração e descaso. Todas as pessoas trans* enfrentam indiferença e desconsideração de pessoas que simplesmente não se importam em utilizar corretamente a marcação de gênero que preferem, e que, maliciosamente ou não, nos tratam de formas que nos incomodam. Para as pessoas não-binárias, isso pode ser ainda mais complicado porque as formas neutras de se falar não estão acessíveis facilmente, e requerem um período para que nos acostumemos a falar de forma neutra. Normalmente as pessoas não estão dispostas, não tem a boa fé e a

empatia de querer aprender, e simplesmente ignoram essa necessidade, ou a encaram levemente. Porque pessoas trans* estão extremamente desempoderadas nesse sentido, não é sempre que conseguimos erguer a voz e exigir o tratamento correto.

Para pessoas trans* não-binárias isso pode ser especialmente complicado enquanto significar que não temos um tratamento específico a requerer. Não podemos pedir nossa versão do “masculino” ou do “feminino”. Muitas vezes as pessoas trans* não-binárias que preferem serem tratadas de forma neutra desistem de pedir e ensinar isso às pessoas e conformam-se em serem tratadas de outra forma, apesar do incômodo, pura e simplesmente porque as pessoas não se importam em ter empatia.

Se você recebeu esse texto de uma pessoa não-binária que queria que você aprendesse como referir-se a ela: por favor, tenha empatia e não trate isto tudo com leviandade. Isto é importante e são pouquíssimas as pessoas que realmente se importam e com quem conseguimos nos sentir bem recebendo o tratamento que pedimos, no que tange marcações de gênero. Tente ao máximo que conseguir, não se acanhe em parar no meio da frase e pensar ou pedir ajuda, aprenda junto com a pessoa e aos poucos você pegará o costume e falará naturalmente com ela. Não é um bicho de sete cabeças e conjuntamente é possível que consigam aprender cada vez melhor.

Por que abandonar o X?

O X não é acessível para leitores de tela. Pessoas com deficiência visual não conseguirão fazer programas de leitura de tela pronunciarem corretamente o texto.

O X não torna as coisas mais fáceis de entender. Quanto mais simples e direta for a nossa linguagem, melhor poderemos nos fazer entender. Quando a intenção é fazer textos fáceis e didáticos, o X pode ser um constante entrave para quem está lendo.

O X não é pronunciável. Nós não podemos, em voz alta, usar o X. Isso é problemático especialmente para pessoas trans* não-binárias, para quem essa vocalidade é necessária no dia-a-dia.

O X não transformará a linguagem. Se o X é restrito à língua escrita, então ele não irá alterar a forma como falamos! Isso significa que ele não

influenciará como, no dia-a-dia, nos referimos às pessoas, e que no fim das contas nós continuaremos a nos tratar de forma generificada.

Como falar de forma neutra sem o uso do X?

Essa seção será atualizada com o tempo, conforme novas formas forem sendo observadas, novas construções que não haviam sido analisadas tiverem substitutas propostas, e novas formas de remover a marcação de gênero apareçam.

Tenha calma e aprenda no processo

Não pense que você vai ler o que está descrito abaixo e pegar o jeito de uma hora para a outra. Conforme você se pegar no meio das frases, conversar com a pessoa, se você e ela se ajudarem, a linguagem neutra vai se tornando hábito. Pense nos exemplos abaixo como formas de começar e de elaborar, e construa a linguagem neutra de forma natural.

Junto com a outra pessoa, vá falando de forma neutra, se deixe corrigir sem estresse quando necessário, e aos poucos aprenderá a falar de forma neutra. É uma questão de prática.

Utilize generosamente termos neutros como “pessoa” para retirar o gênero marcado diretamente

Ela partiu > A pessoa partiu / essa pessoa partiu

A casa dela > A casa da pessoa

Todas as presentes > Todas as pessoas presentes

Quantas temos aqui? > Quantas pessoas temos aqui?

As presentes cujas bolsas ficaram no jardim > As pessoas presentes cujas bolsas ficaram no jardim

Boa tarde a todas > Boa tarde a todas as pessoas / boa tarde a vocês

Elas avançaram na competição > As pessoas (ou “estas pessoas”) avançaram na competição

Ele nunca vai embora > Essa pessoa nunca vai embora

Sua namorada > A pessoa com quem você namora / A pessoa que namora com você

Minha > A pessoa minha irmã

Minha irmã > A pessoa minha irmã

Tua irmã > A pessoa sua irmã / A pessoa que é sua irmã

Nossa irmã > A pessoa nossa irmã

Aquelas que ganharam estão liberadas para ir > Quem ganhou pode ir /
Aquelas pessoas que ganharam estão liberadas para ir

Não há nada de errado em repetir o nome da pessoa

Ariel estava aqui ontem e desde então ela foi embora > Ariel estava aqui ontem e desde então Ariel foi embora / Ariel estava aqui ontem e desde então essa pessoa foi embora

Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a ela > Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a Ariel

A casa dela > A casa de Ariel

O Rio a inspira profissionalmente > O Rio inspira Ariel profissionalmente

Suprima artigos e pronomes desnecessários

A Ariel > Ariel

com a Ariel > com Ariel

Ela partiu > Ariel partiu

Eu fiquei com a Ariel > Eu fiquei com Ariel

Como pintora ela conquistou muito dinheiro > Pintando, conquistou muito dinheiro

Logo ela explicará seus motivos > Logo explicará seus motivos

Prefira alternativas neutras como “de” (ao invés de da/do) e “lhe” (ao invés de a/o)

da Ariel > de Ariel

Essa carteira é da Ariel > Essa carteira é de Ariel

Se eu quisesse ficar com Ariel, teria dito a ela > Se eu quisesse ficar com Ariel, teria lhe dito

A casa da Ariel > A casa de Ariel

Utilizar a voz passiva e o gerúndio, entre outras mudanças, são formas interessantes de desgenerificar:

“S. Semântico: Todos os trabalhadores poderão ir ao jantar com as suas esposas

Alternativa: O pessoal poderá ir ao jantar acompanhado.

S. Semântico: Os estudantes não poderão receber visitas femininas

nos dormitórios.

Alternativa: Não se permitem visitas nos dormitórios

[...]

Por exemplo, podemos dizer: O nível de vida em São Paulo é bom

Em lugar de: Os paulistanos têm um bom nível de vida

Podemos dizer: O pessoal docente da Universidade protestou por...

Em lugar de: Os professores da Universidade protestaram por..."

Mude a estrutura dos verbos na frase:

Você é muito requisitada? > Te requisitam muito?

Você está toda molhada > Você se molhou totalmente

Você está cansada? > Você se cansou?

Você é baiana? > Você é da Bahia?

Você está linda > Você está uma pessoa linda / Que lindeza você está /

Sua roupa está linda / Seu corpo é lindo

Você está registrada > Eu te registrei / seu registro está feito

Use alguns truques informais

Embora isto não se encaixe em momentos mais formais, em textos, existem algumas práticas coloquiais que, num contexto corriqueiro e cotidiano fazem sentido, como:

usar um “e” ao invés de A e O, como em “todes” ou “linde” (não serve para palavras masculinas que terminam em E)

não pronunciar as vogais que marcam gênero, deixando um som mudou, de S.

Entre em contato!

Como avisado acima, este texto será sempre atualizado conforme novas possibilidades surgirem. Pedimos a você que nos envie frases que não sabe como neutralizar, suas dicas e recomendações, bem como críticas. Gostaríamos de estar sempre adicionando aqui as outras possibilidades de neutralização que estivermos esquecendo para que seja um guia cada vez mais completo para a construção de uma linguagem neutra.

Por Juno - <http://naobinario.wordpress.com/>



A maldição do Anarquista

Este texto é um desabafo sobre algo muito chato que muitos de nós anarquistas já sofreram. Trata-se de um texto sobre o peso desse rótulo e sobre o quanto as pessoas esperam que abandonemos ele. Do mesmo modo que dizem a um ateu: “esconda isso porque o mundo é cristão”, dizem a nós, anarquistas: “esconda isso, porque o mundo é governista.”

Passsei algum tempo tentando evitar alguns rótulos, com medo de ser delimitado por eles de alguma forma e um dos rótulos que me incomodava bastante era o rótulo de “anarquista”. Eu tenho até um certo orgulho de meu ideal, porém as pessoas já não viam minhas reflexões como minhas, viam como algo parecido a “mais uma coisa de anarquista”. Além disso, passaram a me identificavam com qualquer coisa dita por qualquer pessoa que ache ou se autoproclame “anarquista”, em especial se aquilo fosse algo estúpido. Passei a me sentir policiado, como se todos estivessem buscando, de algum modo, me colocar contra a parede em algum tipo de contradição. Tudo bem, eu tenho minha parcela de culpa, quando descobri o anarquismo passei a enxergar soluções diferentes, muito mais lógicas e que não explorassem nem exigissem submissão ou aniquilação da vontade de ninguém, o que para meus conjuntos de valores foi lindo. Isso me deixou em estase e pela primeira vez conseguia ver caminhos para os problemas sociais e um futuro para nosso mundo. Eu tinha que gritar isso para os sete ventos e foi o que fiz. Citações de autores e filósofos, contestações, críticas sociais, subversividade em sua mais pura forma! Como as pessoas não viram isso antes? Como nos permitimos viver anos sendo dominados? Como as pessoas mais contestadoras que até então

havia conhecido podiam se contentar no “socialismo” quando existe uma liberdade tão mais saborosa nos esperando?

Gritei sim! E não me arrependo! Mas isso gastou minha fala, isso tornou-se, de algum modo bizarro, repetitivo. Bizarro porque a televisão grita os valores capitalistas, mas nunca se torna chata. Eu, em alguns meses gritando novos valores, ou melhor, questionando velhos valores, me tornei chato e na ignorância do público, “previsível”. Coloquei “previsível” entre aspas, pois eles me achavam previsível baseados num anarquismo caricato, num rótulo criado por seus próprios preconceitos com a palavra, o que eu tinha a dizer era totalmente novo. Foi nesse contexto que recebi inúmeros conselhos, me alertando para uma possível “agressividade” em minhas palavras, “extremismo” em meus posicionamentos e principalmente me alertando para não “assustar as pessoas” com a palavra “anarquismo”, pois é uma palavra muito maldita, as pessoas não se identificam, não interpretam bem.

Então desejei não ter mais este rótulo. O próprio anarquismo é um abandono dos rótulos, logo não fazia sentido ostentar um rótulo e assim permaneci, na neutralidade, na pacificidade, passivo, buscando comunicar de um modo que não assustasse, acreditando que “todo ismo é ruim”, que o verdadeiro anarquista não pode se dizer anarquista e naquela baboseira de “vamos abandonar os rótulos, dar as mãos e ser felizes”. Quem dera fosse tão simples. Houve uma parte boa, desenvolvi outros modos de comunicação, a euforia de querer gritar “Liberdade!” ao mundo passou, me deixando menos ansioso, mas havia um buraco.

Foi então que a ficha caiu. A neutralidade favorece sempre aos opressores. Eu estava me curvando, deixando que o preconceito triunfasse sobre mim. Anarquismo é acreditar no ser humano, sem líderes, sem deuses, sem senhores, o que há de errado nisso? Se um dia esse nome foi maldito é porque existe um grande interesse em que o ser humano não acredite que possa viver sem que haja alguém acima dele. A hierarquia é algo que, quando questionada, incomoda qualquer um que desacredite no ser humano.

A maldição do anarquista foi conjurada por bruxos reacionários e é repetida por companheiros e pessoas próximas tão ferozmente justamente porque o anarquismo é o único ideal que ousa acreditar de verdade no ser humano. Os demais ideais dizem acreditar, mas sempre com ressalvas! Sempre com estados transitórios, hierarquias mais sutis, lideranças mais

amenas, chicotes mais macios e grilhões mais confortáveis. “Vamos manter um pouquinho de controle externo e coerção aqui, só para garantir!” Por isso acredita-se até hoje que “anarquia é caos”, e toda vez que alguém vem me dizer “essa é uma palavra muito forte” ou questionam de alguma forma a horizontalidade eu logo compreendo que é mais uma mente limitada a não acreditar na própria capacidade humana. Alguém que não consegue conceber a liberdade e prefere acreditar em forças repressoras. Sejam essas forças sutis como um representante ou vanguarda partidária ou pesadas como uma ditadura militar, no final tudo se resume ao medo da liberdade.

Logo notei que não é a toa que existe uma força que tenta calar a nós anarquistas e nos jogar para baixo. É uma força presente em todo o “não-anarquista”, é o medo da liberdade e a descrença na capacidade de nos organizarmos sem hierarquias. Do mesmo modo que um cristão acha um ateu algo muito agressivo, ou que um machista acha o feminismo algo muito agressivo, acreditar no anarquismo é agressivo ao status quo, e essa ofensa pode atingir até mesmo a grandes questionadores. “Como assim? Eu questiono o capital e esse sujeito consegue questionar além do capital e chega a questionar a própria necessidade de um Estado?” Um anarquista faz com que qualquer subversivo partidário pareça um direitista.

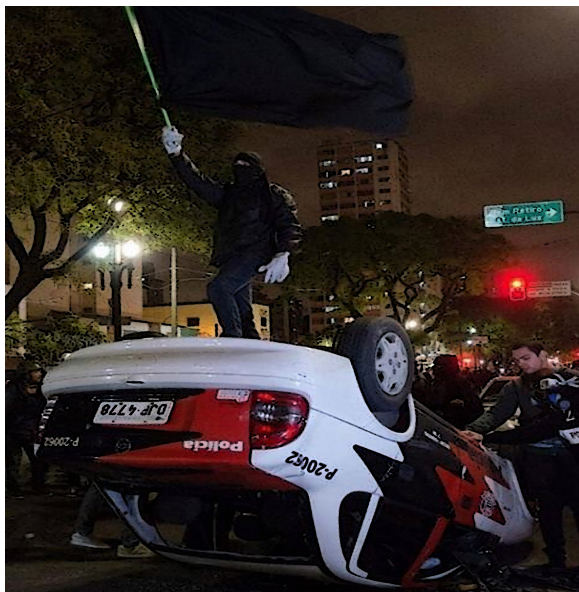
Um ateu, também é aconselhado a não se dizer ateu, e pode passar anos “no armário”. Fazendo até mesmo um paralelo a um nível muito distante, as minorias oprimidas são forçadas a se esconder para não “ofender” os opressores dominantes. O pensamento é muito parecido, “se não está enquadrado no status quo você tem que ir com calma para não magoar”. E ainda querem nos convencer que esconder-se é uma estratégia de luta. Mas e a memória da luta anarquista na qual eu acredito? Isso não é estratégia, é submissão. Se mais pessoas passarem a declarar-se ateias, o preconceito contra ateus entra em colapso, com o anarquista não é diferente!

Por isso escolhi ser anarquista sim, e daí? O rótulo negativo que metem em nossas testas não foi feito por nós, mas sim por anos de história e de medo da liberdade humana, esconder-se não mudará nada, para o rótulo sumir temos que assumir nosso ideal e mostrar para as pessoas que anarquismo não é bagunça! Existe sim um grande preconceito contra nosso ideal, e podemos sentir isso todo dia, somos alvos de críticas da direita e da esquerda partidária, somos perseguidos nas ruas por grupos

neonazistas, acusam nossos militantes de “desorganizados” baseando-se apenas em debates virtuais, sem nunca ter comparecido a uma reunião presencial conosco (que é aliás uma das formas mais organizadas de se confraternizar que já pude presenciar), não entendem a proposta anarquista e querem dizer até mesmo se você é ou não é um anarquista, como se houvesse algum tipo de teste ou pré-requisito para isso e como se o avaliador pudesse ser alguém que nunca se quer pisou em espaço anarquista ou leu um de nossos autores, nos enchem, diariamente, com questões sobre meios de produção, punição de crimes entre outras para tentar “destruir nosso mundo de ilusão”, nos consideram utópicos, vândalos, satanistas, malditos, somos as ovelhas negras de qualquer família, perguntam se já pensamos em nos unir a um partido/religião, nos temem, nos evitam, nos ridicularizam e nos infantilizam e ainda querem que a gente se esconda, julgam se somos ou não anarquistas baseados em uma fala ou em uma estampa em nossas camisas, para ter uma opinião levada a sério em qualquer assembleia precisamos elaborar a fala de uma maneira muito mais inteligente, porque não contamos com confiança alguma, muito pelo contrário, nossas falas são ouvidas com absoluta desconfiança!

Somos malditos, mas jamais nos calarão!

Artista Anarquista



De qual lado vai ficar nesse jogo?

NUM PAÍS ONDE O POVO ESTÁ
SEM EDUCAÇÃO, SEM SAÚDE,
SEM HABITAÇÃO, SEM TRANSPORTE,
SEM TRABALHO...

Os GOVERNOS SE NEGAM ATENDER
AS DEMANDAS POPULARES...

A COPA É PARA QUEM?

Não há bala, nem repressão
que calará nossas vozes
nas ruas!

Manifestação não é crime,
é consciência por um mundo
justo!



Do alto de suas vassouras

Lembram quando Boris Casoy tentou, em rede nacional, ridicularizar a classe trabalhadora dos garis? Pois algum tempo depois podemos constatar:

Do alto de suas vassouras SIM!

Do alto de suas vassouras eles estão batalhando por um salário mais digno, estão se recusando a limpar a cidade por 800 reais, aliás não são 800, com os descontos chega próximo a 600 reais!

Precisa ser muito corajoso, muito herói para trampa que nem essa gente trampa!

A gente só dá valor quando perde, a cidade ficou um lixo e só assim notamos a importância desses trabalhadores. Tenho certeza que o trabalho deles faz muito mais falta e é muito mais necessário para nossa sociedade do que o trabalho dos políticos e de jornalistas elitistas como o Boris Casoy.

Pensamos sempre no jornalista como alguém inteligente e culto, cheio de respostas e informações, mas a grande sacada de romper com o sindicato e peitar o governo ali, no “mano-a-mano”, deixou todo o conhecimento e diplomas no chinelo. A grande esperteza em fazer a greve bem no carnaval deixando a cidade se afogar no próprio lixo que produz, nos fez ver que suas vassouras são realmente importantes, muito mais altas que as opiniões do Boris!

A tentativa de criminalização desta greve, mostra apenas o medo do governo. Sim, eles estão morrendo de medo, pois a classe trabalhadora está lutando por si, não há um líder sindical que possa ser comprado ou a quem eles possam controlar para segurar a greve “pelo menos agora no carnaval”.

Agora imaginem se esse tipo de greve continuar acontecendo, por exemplo durante a Copa. Esse é o grande medo do estado. Se outros trabalhadores, assim como os garis, entenderem seu valor e se utilizaram disso, parando bem quando os burgueses, gringos e políticos mais contam com eles, na Copa, grandes conquistas poderão ser atingidas.

A Copa é o grande refém dos trabalhadores. E não há nada

mais legítimo que isso. Essa Copa está sendo feita por ricos e para ricos, mas o trabalhador deve entender que é ele a principal engrenagem para que este circo funcione. E foi do alto de suas vassouras, que os garis do Rio de Janeiro ensinaram esta valiosa lição para a sociedade.

Eles sabem que valem muito, mas muito mais que 600 reais, sua paralisação afetou toda a cidade, e chamou a atenção do país. Agora, se o Boris Casoy resolver se paralisar, se calar, acredito que não sentiríamos a mínima falta.

Artista Anarquista





ANARKIO.NET

ATÉ O FIM DE TODAS
CLASSES SOCIAIS

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net